

Profissionais de Educação em Museus: caso de estudo na cidade do Porto

Ana Bárbara da Silva Magalhães Veríssimo de Barros

RESUMO

Partindo das narrativas de vida dos profissionais de educação em museus da cidade do Porto, este artigo pretende compreender os seus discursos e práticas, apontando perfis profissionais. Pelo caminho, exploram-se os percursos académicos e laborais, os factores de influência, as necessidades, as motivações e dificuldades sentidas pelos técnicos desta área museológica. Aborda-se, também de forma breve, o museu enquanto um paradigma em constante desenvolvimento e, como espaço de conhecimento e aprendizagem nos tempos de hoje.

Starting with the life stories' of Porto museum education professionals, this article attempts to understand its discourses and practices, designing its professional profiles. During this voyage, the academic and professional experiences, influential factors, needs, motivations and problems felt by professionals of this museum's field of action are also presented. Furthermore, the museum is explored as a paradigm in constant development and as a space of knowledge and learning for contemporary society.

Palavras-chave:

Museu, Educação, Aprendizagem, Profissionais, Narrativas, Percursos, Práticas, Discursos e Perfis.

Profissionais de educação em museus: caso de estudo na cidade do porto ²¹

Ana Bárbara da Silva Magalhães Veríssimo de Barros ²²

A mudança de uma sociedade da informação para uma sociedade de conhecimento e aprendizagem coloca os museus perante um novo paradigma, procurando novos papéis que correspondam melhor às necessidades dos indivíduos e das respectivas comunidades.

Reforça-se o valor educativo destas instituições culturais que podem, assim, repensar e investir em novos pontos de partida, recorrendo a estratégias inovadoras e criativas que visam estabelecer relações mais efectivas com os seus públicos. Proporcionar a descoberta de múltiplos trajectos que não se esgotam na experiência entre paredes do museu, mas que as ultrapassam para a realidade exterior, articulando-se com outras vivências passadas e futuras do sujeito, são os desafios actuais.

Não mais se perspectiva a aprendizagem ou o conhecimento que seguindo modelos dogmáticos concentram a atenção no objecto em detrimento do indivíduo, estabelecendo uma relação unilateral e determinista. Trata-se, pelo contrário, de um processo contínuo, feito ao longo da vida, dominado e construído pelo sujeito, de acordo com as suas motivações, características e ritmos. As massas homogéneas são substituídas pelo visitante enquanto ser individual, procurando facultar-lhe as ferramentas adequadas para o conhecimento de si e do outro, promovendo o espírito crítico, a criatividade, o respeito pela diversidade, a tolerância, contribuindo, conseqüentemente, para práticas de uma cidadania activa. Assume-se, finalmente, a missão tão proclamada que imprime aos museus a co-responsabilidade no desenvolvimento da sociedade.

²¹ Artigo baseado na dissertação de Mestrado, orientada por Alice Semedo, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto: BARROS, Ana Bárbara, *De Corpo e Alma: Narrativas dos Profissionais de Educação em Museus da Cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.

²² Museóloga. Enveredou pelo mundo profissional dos museus na Câmara Municipal do Porto em 2000, tendo à sua responsabilidade o Serviço Educativo da Casa Museu Guerra Junqueiro até 2007. Desde 2008, é Coordenadora do Museu Romântico da Quinta da Macieirinha; anabarros@cm-porto.pt

No mundo actual, os museus pretendem ser espaços abertos, sem fronteiras, de discussão, de debate, de mediação que promovam a formação integral do indivíduo, valorizando os seus talentos, competências, respeitando a sua experiência e conhecimentos prévios, para proporcionar oportunidades de aprendizagem a todos os níveis.

Esta realidade, em plena mutação, exige dos profissionais de museus, nomeadamente os de educação, enquanto “interfaces” preferenciais da comunicação, uma reflexão e reajustamento das suas posturas, no sentido de desenvolverem novas fórmulas eficazes para o envolvimento dos visitantes. Identificando-se, por vezes, como mediadores culturais, muito em voga nos últimos tempos, assumem a responsabilidade inerente a este papel que faz deles o ponto de ligação e equilíbrio entre os objectos e visitantes, entre os visitantes e as suas comunidades e, inclusivamente, entre os que trabalham directamente com os acervos, como os sectores da conservação e inventário, com o exterior.

Confrontados com a atribuição de um papel mais centrado na comunicação e na captação de públicos, os museus, todavia, debatem-se com a lógica agressiva de mercado e com a competitividade que coloca a avaliação destas instituições, e de quem aí trabalha, em estreita dependência da estatística: vivem-se períodos assombrados pelo “terrorismo do número”.

A difícil sobrevivência e o desafio da sustentabilidade reside no segredo em operar sem perder a alma, não esquecendo que a essência do trabalho museológico está na relação estabelecida entre colecções, públicos e comunidades que não é passível de ser conhecida somente pelos dados quantitativos.

A presente investigação, partindo destes pressupostos, pretende essencialmente constituir um documento de reflexão sobre a forma como um grupo específico de profissionais de educação, circunscrito à cidade do Porto, se enquadra nos novos modelos. Procura traçar linhas caracterizadoras, apontar tendências, lançar dúvidas, desejando partilhar pensamentos, práticas e sentimentos que, de certa forma, parecem ser comuns a todos que trabalham nesta área museológica. Tendo em consideração estas necessidades camufladas, mas subentendidas, tentam-se derrubar certos muros de isolamento institucional, substituindo-os por pontes, para já informais, que permitam uma discussão conjunta.

Neste percurso longo e exaustivo, o título da dissertação em que este artigo se baseia, “De corpo e alma”, surge naturalmente, por reflectir o modo de estar dos

narradores nesta actividade, marcado por um intenso envolvimento físico e emocional; por resumir a essência dos museus que são as colecções/corpo e os públicos/ alma na qual os entrevistados são absorvidos; e, por fazer alusão aos constrangimentos vividos actualmente, desencadeados pela pressão crescente do número/corpo, muitas vezes, em detrimento da qualidade/alma da práticas museológicas.

A investigação construiu-se em torno de questões aparentemente simples: o que se entende por profissionais de educação em museus? Quantas destas instituições culturais possuem no seu organograma estes elementos? Quais os seus percursos escolares e profissionais? Que motivações ou factores influenciaram este modo de vida? Quais as actividades que desenvolvem? Com e para quem? Quais as suas necessidades, incentivos e obstáculos? Como perspectivam o conceito de educação e aprendizagem? Como encaram o visitante? Qual(is) o(s) perfil(is) destes profissionais?

Para responder a estas questões de partida, recorreu-se a uma metodologia qualitativa, explorando narrativas de vida dos profissionais em estudo. Nas histórias de vidas pede-se a um indivíduo que se conte, que descreva a sua história pessoal e, ao fazê-lo, abandona a sua entidade singular para assumir-se como elemento revelador de um certo fenómeno. Através da subjectividade, esta técnica possibilita observar o que nenhuma outra permite: as práticas, seus encadeamentos, contradições, em suma, o movimento de uma determinada realidade social.

Não se pretendeu confirmar certezas previamente estabelecidas; privilegiou-se, sobretudo, o contexto de descoberta, e não de prova, de uma realidade social pouco conhecida, tentando compreender a dinâmica destes técnicos, através da apreensão dos diversos aspectos da vida quotidiana, nomeadamente aqueles que não facilmente observáveis. A metodologia seleccionada revelou ser o meio adequado aos propósitos do estudo, possibilitando larga flexibilidade e amplitude, assim como uma intensa riqueza de conteúdos.

Também designada de investigação interpretativa por Erickson (ERICKSON, 1986:119-161), esta metodologia sublinha o significado conferido pelos actores às acções nas quais se empenharam. Este significado conferido pelos actores é o produto de um processo de interpretação que desempenha um papel chave na vida social.

O objecto de análise é formulado em termos de acção que abrange o comportamento físico e ainda os significados que lhe atribuem o actor e aqueles que interagem com ele. Face ao objecto acção-significado, a investigadora postula uma

variabilidade das relações entre as formas de comportamento e os significados que os actores lhe atribuem através das suas interacções sociais.

Em suma, comportamentos idênticos de um ponto de vista físico podem corresponder a significados diferentes e mutantes de uma perspectiva social, como é o caso dos comportamentos que manifestam a identidade social, o papel ou estatuto dos actores numa classe.

Estes postulados epistemológicos ligados ao paradigma interpretativo atribuem ao espírito um lugar de relevo. Trata-se de uma postura dualista que considera a realidade do mundo simultaneamente material e espiritual, dando valor aos comportamentos observáveis enquanto relacionados com significados criados e modificáveis pelo espírito.

Esta abordagem traz consigo enormes vantagens, entre elas, a possibilidade de apreender o invisível da vida quotidiana por ser demasiado familiar, transformando o “lugar-comum” em problemática, a capacidade de compreender, de modo comparativo, diferentes níveis de uma mesma organização social e de ter em consideração os significados diferentes que os acontecimentos adquirem para as pessoas de um dado meio (LESSARD-HÉBERT, GOYETTE, BOUTIN, 1990: 30-60)

De facto, não existe melhor estudo para as realidades humanas e as práticas sociais do que as interpretações que os sujeitos formulam. A construção de conhecimento das realidades sociais faz-se a partir de saberes do senso comum que todos os indivíduos possuem relativamente à sua realidade, à sua história e ao seu próprio local de inserção no campo social.

Considera-se fundamental nesta investigação a interacção indivíduo-mundo no sentido de criar significados que as coisas e as acções tomam; estes significados são necessários para a compreensão por parte do investigador do comportamento humano. Partilha-se o princípio de que os indivíduos não se limitam a reagir mecanicamente às acções de outrem, antes interpretam os seus comportamentos em função dos significados que, eles próprios, lhe atribuem.

Na mesma linha de pensamento, Pierre Bourdieu afirma que as práticas de um determinado grupo social são sempre dotadas de um sentido objectivo que transcende as intenções subjectivas e os projectos conscientes, individuais e colectivos. As práticas dos actores, ao serem práticas eminentemente sociais e, como tal culturais, acabam por reflectir os modos de vida cultural (BOURDIEU, 1985).

O grupo profissional estudado por esta investigação, nesta perspectiva epistemológica, não constitui uma massa homogénea, passiva e amorfa; pelo contrário, são precisamente as diferenças de significados que constrói que se procura apreender. Assim, privilegia-se o contexto de descoberta e não de prova, isto é, o objectivo principal não é a verificação de uma dada teoria pré-estabelecida; o investigador procura respostas para várias questões, levanta uma diversidade de hipóteses que podem ou não ser confirmadas no decurso, ou no fim da pesquisa, e pode ainda ver o seu conteúdo enriquecido com uma informação inesperada e igualmente pertinente.

Para Poupart, este processo profundamente indutivo, em que o processo de investigação não possui critérios escrupulosamente pré-definidos mas antes construídos constantemente (POUPART, 1990: 99).

Tendo por base este quadro conceptual protagonizado pelas metodologias qualitativas num movimento “contínuo” de incursão às abordagens quantitativas e a algumas técnicas que lhe são próprias, decidiu-se recorrer à pesquisa exploratória para proporcionar uma visão geral que esclareça conceitos e ideias e formule problemas mais precisos e, paralelamente à pesquisa descritiva para estudar determinadas características, actividades, opiniões e relações entre as variáveis da população-alvo.

Trata-se de recolher não só uma história de vida mas, multiplicá-la de forma a apreender os acontecimentos sociais, o seu sentido e o seu impacto sobre os indivíduos.

Também designado por método biográfico indirecto²³, este procura captar o não explicado, o não retido para se situar nesta encruzilhada da pessoa e da sociedade que é a própria vida. A sociedade engendra ideologias, valores e as técnicas mas, são os homens que as fazem, transportam e vivem e isto ao longo do desenrolar diário de cada existência. A biografia pode captar essa quotidianidade da existência (POIRIER, CLAPIER-VALLADON, RAYBAUT, 1995: 145)

No método biográfico os sujeitos são encarados como “actores sociais”, isto é, sujeitos cujo comportamento não é passivo, nem é resultado de um jogo de determinismos que se resume ao estímulo-acção. *Também não é considerado inteiramente livre na medida em que é portador de um ponto de vista próprio, que depende da posição que ocupa no social e na história que foi a sua e, dos projectos em torno dos quais se organiza a sua actividade* (COLECTIVO, 1997: 205-206). E, este é

²³Distingue-se o método biográfico indirecto do directo porque, enquanto que o primeiro implica a presença de dois intervenientes, o narrador e o narratário, o segundo, tem em consideração apenas o locutor e a sua memória, sem a presença de qualquer estranho; também se denomina este último método por autobiografia.

o maior contributo que o sujeito pode trazer à investigação, é o de ter presente o seu processo pessoal único.

Trata-se de um método já antigo que, tendo recuperado o seu interesse nos últimos anos, é cada vez mais utilizado em inúmeros estudos realizados em diversos sectores sociais. Por exemplo, numa investigação sobre a profissão do professor, Francine Muel-Dreifus mostra como a abordagem biográfica elucida particularmente o estudo das instituições; para esta investigadora, não é possível analisar histórica e sociologicamente as instituições sem abordar os sujeitos que as constroem (ALBARELLO, 1997: 206).

Foram recolhidas, não só as informações necessárias, como muitas outras inesperadas que enriqueceram a análise final. Esta abundância de informação deixa em aberto outros caminhos exploratórios dos testemunhos, perspectivados sob outros ângulos temáticos, ou até mesmo como histórias individuais.

Após a recolha, efectuou-se a transcrição *ipsis verbis* das entrevistas, ou seja, registando literal e fielmente o relato dos indivíduos, palavra a palavra, não eliminando erros de construção gramatical, repetições e interjeições.

A análise dos dados foi realizada através do programa QSRNVivo, uma ferramenta das novas tecnologias muito utilizada na investigação qualitativa, que permitiu enquadrar as narrativas dos entrevistados, segundo categorias temáticas pré-definidas.

Geograficamente, o campo de acção da investigação limitou-se aos museus da cidade do Porto, porque este apresenta um número significativo de instituições e profissionais com características bem diferenciadas como a natureza de colecções, o tipo de tutelas e seus estatutos jurídicos. Assim, procedeu-se ao levantamento de todas as instituições museológicas da cidade, totalizando 24 museus, excluindo-se assim, as bibliotecas, arquivos, jardins botânicos e zoológicos.²⁴

O número elevado de museus corrobora os dados do relatório Inquérito aos Museus em Portugal levado a cabo em 2000, o qual refere que o Norte do país apresenta uma grande concentração de museus, perfazendo uma média superior a 10 museus (IPM, 2000: 49).

Após esta selecção, constituiu-se a amostra desejada com apenas 15 profissionais, sendo um deles a própria investigadora deste estudo e, como tal, excluído

²⁴ Levantamento realizado a partir do folheto de divulgação do programa *Famílias nos Museus*, promovido pela C.M.P., 2007, do *Roteiro de Museus*, I.P.M./R.P.M., 2004 do site Porto Digital, WWW.portodigital.pt.

automaticamente.²⁵ Este número não corresponde à actividade educativa dos museus acima listados, pelo contrário, a maioria apresenta um programa de actividades diverso mas, que recorre a recursos humanos externos mediante as solicitações, e que por isso não foram incluídos na construção da amostra.

TOTAL DE MUSEUS E DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO.

	Nº DE MUSEUS	Nº DE PROFISSIONAIS
TOTAIS	24	15

Tabela 1: Totais de museus e de profissionais de educação na cidade do Porto

MUSEUS DA CIDADE DO PORTO, SEUS ESTATUTOS JURÍDICOS, TIPO DE COLECCÕES E NÚMERO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO.

Nome	Estatuto Jurídico Tutela	Tipo/Natureza de colecções*	Profissionais de educação
Arqueo-sítio da rua D. Hugo	Público	Arqueologia	Não
	Câmara Municipal do Porto		
Casa-Museu Eng.º António de Almeida	Privado	Artes Decorativas	Não
	Fundação		
Casa Museu Guerra Junqueiro	Público	Artes Decorativas	Sim 1 profissional
	Câmara Municipal do Porto		
Casa Museu Marta Ortigão Sampaio	Público	Artes Decorativas	Sim 1 profissional
	Câmara Municipal do Porto		
Casa-Oficina António Carneiro	Público	Arte	Não
	Câmara Municipal do Porto		
Gabinete Numismática	Público	Numismática	Não
	Câmara Municipal do Porto		
Museu de Arte Sacra e Arqueologia	Privado	Arte Sacra e Arqueologia	Não
	Diocese do Porto		
Museu de Arte Contemporânea de Serralves	Privado	Arte Contemporânea	Sim 2 profissionais
	Fundação		
Museu das Belas Artes	Público	Arte	Não

²⁵ O profissional de educação da Casa Museu Guerra Junqueiro, autor da investigação em curso, exerce as mesmas funções educativas no arqueo-sítio da rua D. Hugo, não tendo sido considerado na tabela nº1. Por outro lado, há que referir que no momento da construção da amostra e realização de entrevistas, outro profissional de educação – a exercer funções no Museu Vinho do Porto - não foi abrangido por se encontrar em mudança laboral.

	Universidade do Porto		
Museu do Carro Eléctrico	Privado Sociedade de Transportes Colectivos do Porto		Sim 1 profissional
Museu da Casa do Infante	Público Câmara Municipal do Porto	Arqueologia	Sim 2 profissionais
Museu da Ciência e Indústria	Privado Associação	Ciência	Não
Museu de Engenharia	Público Universidade do Porto	Ciência	Não
Museu Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luis Mesquita de Carvalho	Privado Fundação	Artes Decorativas	Não
Museu Militar	Público Ministério da Defesa	Especializado	Não
Museu Nacional de Imprensa	Privado Associação	Especializado	Sim 1 profissional
Museu Nacional Soares dos Reis	Público Instituto Português de Museus	Artes Decorativas	Sim 1 profissional
Museu Papel Moeda	Privado Fundação	Especializado	Sim 1 profissional
Museu Parada Leitão	Público Universidade do Porto	Ciência	Não
Museu Romântico da Quinta da Macieirinha	Público Câmara Municipal do Porto	História	Sim 2 profissionais
Museu de S. Francisco do Porto	Privado Misericórdia	Arte Sacra	Não
Museu dos Transportes e Comunicações	Privado Associação		Sim 3 profissionais
Museu Vinho do Porto	Público Câmara Municipal do Porto	História	Não
Museu de História Natural	Público Universidade do Porto	História Natural	Não

Tabela 2 – Museus da cidade do Porto, seus estatutos jurídicos, tipo de colecções e número de profissionais de educação.

* De acordo com as tipologias definidas pelo ICOM

Os museus que participam na amostra são os seguintes: Casa Museu Marta Ortigão Sampaio, Museu do Carro Eléctrico, Museu Nacional de Imprensa, Museu Nacional Soares dos Reis, Museu Papel Moeda, Museu da Casa do Infante, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Museu Romântico da Quinta da Macieirinha, Museu dos Transportes e Comunicações. A maioria destes espaços possui no sector de educação um profissional, sendo de destacar, os últimos quatro, cujas equipas são formadas por dois a três elementos.

Logo numa primeira leitura, detecta-se que efectivamente a maioria dos museus não tem nos seus quadros de pessoal profissionais que se dediquem exclusivamente à missão educativa, tão bem patente na definição de museu.

Ainda segundo o relatório de 2000, os serviços educativos são referenciados como um dos serviços de acolhimento mais importantes, 59% dos museus do território nacional afirmou possuir tais funções, não sabendo contudo, se tais dados se reportam às actividades realizadas ou a um quadro de profissionais que as organiza e realiza (I.P.M., 2000: 114,115).

Entrevistaram-se catorze profissionais²⁶ integrados nos sectores de educação. Considerou-se por “serviço de educação” um sector organizado, dotado de recursos mínimos, designadamente pessoal (com um ou mais profissionais), inscrito organicamente no museu que desenvolve acções dirigidas ao público, com objectivos educativos.

De acordo com esta noção, excluíram-se os museus que não tinham adstritos quaisquer recursos específicos para o desenvolvimento de actividades de natureza educativa, embora pudessem realizar de forma pontual algumas actividades nesta área.

Numa primeira leitura observa-se que, apesar de se assistir a um crescente aumento do número de serviços de educação em Portugal, impulsionado, em parte pela Lei-Quadro de 2004 que define a tão proclamada missão educativa destas instituições culturais, é reduzido o número de profissionais de educação, comparativamente ao número total de museus (vinte e quatro). Contudo, construiu-se uma amostra representativa da cidade, por apresentar diferentes naturezas de colecções pertencentes a várias tutelas privadas e públicas.

²⁶ As entrevistas decorreram entre 1 de Março e 11 de Abril de 2007. A maioria optou por realizá-las nos seus próprios locais de trabalho, à excepção de dois entrevistados que decidiram fazê-lo um, na sua própria residência e, outro no local de trabalho do investigador.

Caracterização sócio-demográfica e formativa

Exclusivamente feminino e maioritariamente jovem, o grupo reflecte os movimentos do mundo contemporâneo, no qual as mulheres vão ocupando, cada vez mais, lugares no mercado de trabalho, e demonstra que a área educativa em museus, apesar da sua madura existência, tem vindo a ser uma aposta. A residir na grande área metropolitana do Porto, são vários os casos cujos trajectos foram percorridos fora deste perímetro e finalizados nesta cidade, motivados pela procura de oportunidades, quer na formação académica, quer no meio laboral.

Constata-se que se trata de um grupo cada vez mais qualificado, apresentando formação académica, no mínimo, ao nível da licenciatura. Destaca-se uma maior preponderância das áreas mais clássicas, como a História (em todas as suas vertentes), a Sociologia e, uma presença significativa de novas licenciaturas relacionadas com as vertentes da comunicação cultural, da educação, realizadas pela geração mais jovem. São sinais de mudança que provam que os museus estão a abrir-se para o mundo, para outros saberes, na expectativa de proporcionar novas leituras das suas colecções e, assim, cativar um maior número de visitantes.

A própria legislação dos museus de Fevereiro de 2001 (D.L. nº55/2001) abre a carreira dos profissionais de museus a novas áreas de formação. O novo diploma inscreve-se no alargamento da base de recrutamento e na mobilidade entre as carreiras. Pretende abrir os museus a formações diversificadas, diminuindo ao máximo as carreiras específicas. O entendimento de que a permeabilidade das carreiras é fundamental ao desempenho do museu justifica que, por exemplo, aos serviços educativos não seja atribuída uma carreira específica, considerando que a formação especializada em determinada área é perigosamente redutora.

O percurso formativo não se esgota, contudo, na aquisição do diploma universitário. A preocupação constante em actualizar os conhecimentos, referentes quer aos espólios, quer aos públicos, comprovam uma postura interessada, auto-didacta, crítica e activa dos entrevistados. Procuraram, sobretudo, respostas a questões práticas do dia-a-dia, como o domínio de algumas técnicas das expressões artísticas, a informação sobre a história das colecções, suas técnicas e materiais, participando para isso em inúmeras acções, seminários, workshops, conferências. É surpreendente o número relevante de pós-graduações e mestrados a serem frequentados e, outros, já concluídos que, fixando um nível científico especializado, abarcam áreas como a museologia, a sociologia dos públicos, a educação, as expressões artísticas e a

avaliação. Com a abertura dos museus a novos papéis, o contínuo aumento de visitantes e o surgimento de novos públicos, revelam-se novos desafios que os profissionais, atentos, procuram abraçar. Para tal, procuram apoio recorrendo a novas formações que surgem, por exemplo, no âmbito da inclusão social, do estudo de públicos e da avaliação. Paralelamente, em determinados museus assiste-se a um crescimento das equipas educativas numerosas e polivalentes, das quais fazem parte colaboradores internos e externos, tornando-se necessário coordená-las e geri-las, não só em termos humanos mas, também financeiros. Assim, são exigidos conhecimentos de gestão aplicados em diversas vertentes, como a contabilidade, recursos humanos, direito, informática, financeira, entre outros.

Se, por um lado, as tutelas para as quais trabalham concordam e defendem a formação contínua, seja a que nível for, esse apoio teórico não é, porém, totalmente acompanhado na prática, através da comparticipação financeira e na disponibilização de tempo necessário para a sua conclusão.

Experiência profissional: percursos passados e enquadramento actual

No que diz respeito às experiências laborais anteriores, a maioria iniciou a sua vida profissional em contextos da cultura/arte e comunicação/educação, desenvolvendo projectos noutros museus, instituições similares e leccionando no ensino formal. Para alguns, a presente situação laboral é a única que conhecem, tendo sido integrados automaticamente após os estágios académicos e profissionais. Outros ainda, deparam-se inesperadamente com esta função, passando a explorar um lado desconhecido que acaba por se transformar numa verdadeira vocação.

São percursos alguns ainda curtos, outros mais longos, que reflectem uma atitude lutadora e de conquista pelo seu sonho, nascido já em tempos de infância e adolescência e estimulado por vivências e pessoas queridas, ou despoletados por descobertas recentes, mas em todos eles se adivinha uma entrega de corpo e alma a esta profissão, assumindo um espírito de missão muito forte.

Ingressando nos lugares através de concursos públicos, divulgados nos meios de comunicação, de entrevistas, de processos mais fechados e estreitos possibilitados por um contacto já familiar estabelecido durante estágios ou trabalhos pontuais, verifica-se que alguns entrevistados viveram um início turbulento e difícil, sujeitando-se a diferentes contratos temporários, de termo certo e a situações mais precárias, como os recibos verdes. Todavia, actualmente, todos gozam de uma certa segurança por

possuírem vínculo permanente, ainda que seja ilusório, pertencendo ao quadro de pessoal da organização, nomeadamente aqueles que se encontram integrados em instituições da administração pública.

Se o presente se mostra aos olhos dos profissionais estável, por outro lado, mostra-se desmotivador quando questionados sobre a progressão/promoção de carreira.

A maioria considera-se mal remunerada. Atribuem a culpa aos limitados orçamentos distribuídos pela área da cultura que acaba por se reflectir, obrigatoriamente, nas respectivas tutelas. Observa-se um desconhecimento pelo processo, o que leva a crer tratar-se de um campo específico de cada organização, cujos critérios e regras são pouco transparentes e variáveis, conforme a gestão e o momento e, por isso, nada partilhadas pelos colaboradores. Apesar de tudo isso, estas condições menos favoráveis não são factores determinantes nas escolhas e posturas profissionais, o que demonstra o “amor à camisola”, o mesmo é dizer o amor à profissão.

Actividades desenvolvidas

No que diz respeito à “praxis”, são diferentes as funções e actividades desenvolvidas pelos profissionais, alguns em equipa, outros individualmente. São numerosos os exemplos que incluem a existência de mais do que um elemento nos sectores educativos, sendo uns pertencentes aos quadros do museu e outros, colaboradores externos, com uma ligação pontual, mais ou menos efémera, contratados para desenvolverem determinadas actividades, de que são exemplo os monitores e consultores especializados. São situações resultantes ora do número deficiente de lugares nas instituições, ora de opções conscientes de gestão de recursos humanos, com o objectivo de expandir o leque de acções, diversificando a oferta para o público. São serviços especializados que ultrapassam a esfera de acção dos profissionais e, quando possível, torna-se necessário adquiri-los. Salienta-se, ainda, a presença neste grupo de colaboradores, como os estagiários e os voluntários que, apesar de não serem contratados mantêm, de certa forma, uma relação com a entidade laboral apoiando em larga medida os programas decorrentes. Formam-se assim equipas multidisciplinares capazes de conceber, articular e realizar actividades diversificadas e adaptadas a vários públicos.

Como consequência do aumento das equipas de trabalho e do volume de trabalho, alguns entrevistados são chamados às responsabilidades da coordenação, afastando-se cada vez mais das funções do terreno. Distinguiram-se duas dimensões do

trabalho desenvolvido pelo profissional de educação, uma ligada ao trabalho de gabinete/bastidores e outra relacionada com o terreno/campo de acção, sendo, esta última, o contexto de excelência e o mais aliciante para a generalidade.

É o contacto directo com o público que é valorizado pelos entrevistados, é o que os estimula e motiva, que os faz procurar melhorar, actualizar, aprender também para poderem oferecer maior qualidade. O trabalho de gabinete é para quase todos um “mal necessário”, que são obrigados a cumprir mas, sempre que podem, evitam.

		E.1	E.2	E.3	E.4	E.5	E.6	E.7	E.8	E.9	E.10	E.11	E.12	E.13	E.14
Coordenação		X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	X
Gestão	Recursos humanos	X	X	X	-	X	X	-	-	-	-	-	-	X	X
	Financeira	X	X	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-
	Organizativa	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Interpretação Programação	Várias actividades	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Interpretação Execução	Visitas	X	-	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X
	Oficinas	X	-	X	X	X	-	X	X	X	X	-	-	X	X
	Circuitos exteriores Cursos/ workshops/colóquios	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X	X	-
	Programas específicos	X	-	-	-	X	-	X	X	-	-	-	-	-	X
	Materiais de apoio	X	-	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X
	<i>Itinerâncias</i>	X	-	-	-	X	-	X	X	-	X	X	X	X	-
Divulgação	Acções externas	-	-	X	-	X	-	X	X	X	X	-	-	X	-
	Acções internas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Avaliação	Formal	X	-	X	X	X	-	X	-	X	-	-	-	X	-
	Informal	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	X
Estudos/pesquisas		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Parcerias		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Formação		X	X	-	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Outras actividades		-	-	X	-	X	-	X	X	X	-	-	-	-	-

Tabela 3 – Identificação das funções e actividades dos profissionais de educação em museus da cidade do Porto. (actividades “de terreno” sobre fundo rosa e actividades “gabinete” sobre fundo azul, as mais frequentes a negrito)

A concepção dos programas interpretativos, a divulgação a partir dos meios disponíveis localmente ou através dos gabinetes de comunicação das instituições, o constante estudo sobre as colecções, educação ou públicos e, por fim, a captação de parcerias, quer para possíveis financiamentos, quer para apoiar humanamente as acções, são actividades desenvolvidas e partilhadas por todos. Salienta-se a presença do

profissional em todo o processo: desde o surgimento e desenho da ideia, a sua consolidação através do estudo de conteúdos e interpretação programática, a procura de meios auxiliares para a execução e, finalmente, a sedução de público.

É de sublinhar a polivalência cada vez mais exigida aos profissionais que se vêem perante a necessidade de acumular funções ditas educativas com outras que se distanciam da temática. A falta de recursos humanos e financeiros e a pressão de manter activos todos os serviços institucionais fazem com que os entrevistados tenham de cumprir em sectores como auditórios, bibliotecas, centros de documentação, produção e manutenção de exposições, loja, inventário da colecções, entre outras.

Entre as actividades interpretativas que visam diferentes públicos, constata-se uma maior frequência de visitas, sob diferentes formatos, as oficinas, a produção de materiais de apoio, como as edições didácticas, jogos, as acções itinerantes, em que se evidenciam as maletas pedagógicas e as exposições itinerantes e os programas específicos nos quais se inserem as iniciativas sazonais e enquadradas nos diferentes períodos do ano são também comuns.

A avaliação é ainda uma tarefa pouco investida nos museus, constituindo um mero apontamento numérico para satisfazer as pressões institucionais. Estudos qualitativos e contínuos são raros, para não dizer nulos. Pelo contrário, a formação é um papel assumido por alguns entrevistados que no sentido de enriquecer os seus pares ou responder a solicitações de cursos sobre a área educativa em museus de determinadas escolas e universidades, partilham experiências e conhecimentos em congressos, seminários, cursos ou mesmos em visitas específicas.

Públicos

São, sobretudo, os grupos escolares os principais “clientes” dos museus, com particular incidência para o 1.º ao 3.º ciclo e secundário, com menos variedade o pré-escolar e o universitário.

A parceria Museu/Escola sempre foi, e continua a ser, uma ligação privilegiada por ambas as partes. Os alunos são levados aos museus pelos professores com o objectivo de ilustrar, no terreno, os conteúdos curriculares das suas disciplinas, de proporcionar actividades pedagógico-lúdicas, de estimular a formação do aluno enquanto ser activo e crítico, aberto ao mundo, conhecendo espaços que de outra forma dificilmente o fariam. Por seu lado, os museus acolhem com agrado estes grupos

organizados, não necessitando de fazer qualquer esforço para os captar permitindo, por isso, desviar esforços e energias para outros mais difíceis de cativar.

Ainda no que diz respeito aos públicos infanto-juvenil destacam-se as crianças e jovens em contextos formais não-escolares que, normalmente, chegam às actividades educativas dos museus, através de atel, associações ou outros organismos. Por outro lado, as famílias, compostas por crianças e adultos, independentemente do laço parental que os une, também acorrem aos museus, ainda em número bastante reduzido. Os profissionais cientes das necessidades dos pais em ocupar os tempos mortos dos seus filhos, disponibilizam “pacotes” culturais, compostos por várias sessões, com uma forte componente oficinal, que decorrem ao fim-de-semana e férias. São sobretudo as instituições privadas, com capacidade de gerir o seu próprio orçamento, que apresentam este tipo de oferta que incluem, por exemplo, a comemoração de aniversários.

Os estudantes universitários não são frequentes nos museus enquanto visitantes, recorrem a eles sobretudo no âmbito de trabalhos académicos e estágios, exigindo um acompanhamento mais complexo que se estende quer no terreno, quer nos bastidores, ou optando por programas a um nível especializado, como cursos/seminários, que poucos museus proporcionam.

O mesmo se pode dizer sobre os visitantes individuais, normalmente adultos, que procuram os espaços museológicos espontaneamente para ocuparem os seus tempos livres ou para participarem numa actividade cuja temática tem um interesse particular. È um número escasso que poucas vezes passa pela mão dos profissionais de educação e que, para o aumentar, implica um esforço de captação redobrado, investindo na divulgação e na diversificação programática.

Os estrangeiros, que com alguma elasticidade se podem enquadrar no anterior segmento, também não são representativos, nem constituem um alvo a conquistar talvez porque, para isso, é necessário o domínio oral das línguas. Apenas dois profissionais comentam o seu acolhimento através de visitas orientadas nas línguas mais frequentes (inglês, francês e espanhol), recorrendo para isso à sua bolsa de monitores. È perfeitamente normal que os outros museus, não possuindo tais conhecimentos, nem recursos financeiros e humanos, não consigam oferecer nenhum produto de qualidade, excepto a simples entrada no espaço e, quando muito, alguma legendagem e roteiros em bilingue.

Actualmente, missões mais alargadas e complexas desafiam os inquiridos que procuram fazer dos museus espaços de valorização individual e colectiva, de forma a

estimular práticas e princípios de respeito pelo ser humano, pelas comunidades, promovendo espíritos abertos para o mundo e à diferença, proporcionando oportunidades de formação para a cidadania. Incluem-se neste propósito os seniores, um segmento, tal como o escolar, aberto, disponível e sedento de iniciativas externas, os presumíveis “excluídos sociais” ou a “públicos potenciais”, que poderão ter dificuldades de acesso ao museu por barreiras derivadas dos diferentes códigos de comunicação em presença, como os imigrantes, pessoas portadoras de deficiência, toxicod dependentes em tratamento, doentes mentais, entre outros.

PÚBLICOS		E.1	E.2	E.3	E.4	E.5	E.6	E.7	E.8	E.9	E.10	E.11	E.12	E.13	E.14
Pré-escolar		X	X	X	-	-	X	-	-	X	-	-	-	X	-
Escolar	1º Ciclo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X
	2º Ciclo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X
	3º Ciclo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Secundário	X	X	X	X	-	X	X	X	-	-	X	X	X	X
Universitário		-	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
Atl's		X	X	X	-	-	X	-	-	X	-	-	-	X	-
Ass. Cult/ Recreat.		-	-	X	-	-	-	X	-	X	-	-	-	X	-
Nec. Esp.	C/Deficiência	X	X	X	X	X	X	-	X	-	-	-	-	X	X
	Incl. Social	-	X	X	-	-	X	-	X	X	-	X	X	-	-
Séniore/ 3ª Idade		X	X	X	X	-	X	X	X	X	X	X	-	X	X
Famílias		X	-	X	X	-	-	-	-	X	X	-	X	-	X
Crianças		X	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Individuais/Adultos		X	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
Estrangeiros		X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Tabela 4 – Caracterização dos públicos dos profissionais de educação em museus da cidade do Porto
x – Públicos maioritários

O museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso cultural e às manifestações culturais. Respeito pela diversidade cultural, tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos. Articulado com os programas públicos respeitantes à família, juventude, apoio às pessoas com deficiência, turismo e combate à exclusão social.

Em suma, pode-se afirmar que nos últimos anos tem-se assistido a um aumento do número de visitantes nos museus, em parte, devido à pressão institucional e, sendo mais optimista, ao desenvolvimento de hábitos culturais na população. Estas

condicionantes provocam um alargamento de públicos, conquistando novas audiências que, por sua vez, exigem novas abordagens e papéis.

O leque etário dos frequentadores de museus é muito abrangente o que leva vários narradores a afirmarem que o seu público é dos 0 aos 80. Apesar de tudo, as escolas continuam a ser o peso que mais se faz sentir na balança.

Necessidades/dificuldades e motivações

Perante a pressão da polivalência e de alcançar diferentes tipos de público, a formação contínua apresenta-se como algo inevitável e imprescindível direccionada para dois interesses: as colecções e os visitantes, na qual se inclui inevitavelmente a relação explosiva entre os pólos. Enquadrada em contextos académicos que conferem qualificações mais complexas, alguns entrevistados reclamam a consolidação de conhecimentos teórico-práticos na área da museologia, da arte e da educação.

Paralelamente, procuram dominar *software* informático ou técnicas das expressões artísticas para assim conseguir oferecer programas diversificados com uma forte componente de envolvimento prático. São as questões que se levantam no terreno que levam a participar em *workshops*, ateliers enfim, situações formativas menos formais e de curta duração, uma vez que o tempo disponível é curto, provocando, por vezes, sentimentos de angústia e frustrações. Em menor número, aqueles inquiridos que assumem no dia-a-dia as responsabilidades de coordenação de equipas mostram-se especialmente carenciados de competências relativas à gestão financeira, jurídica e humana.

A procura incessante de condições materiais e humanas constitui uma preocupação marcante de que é resultado, na maioria dos casos, da falta de afectação de um orçamento financeiro ao plano de actividades educativas. Os constrangimentos económicos constituem efectivamente a maior dificuldade dos profissionais, da qual emergem uma série de outros obstáculos. A manutenção das colecções em exposição, a sua dignificação, a sobrecarga e polivalência de funções, a pressão de conceber e produzir programas diversificados, adaptados aos vários públicos, de forma a aumentar o número de visitantes, o reduzido tempo para se dedicarem à reflexão/avaliação das iniciativas e políticas educativas, ao estudo dos objectos e à formação contínua, em suma, a gestão a curto prazo e em função do número, fazem parte de uma listagem de problemas graves com os quais os entrevistados se deparam. Ainda assim, não são suficientes para quebrar o espírito e a paixão que têm por esta profissão.

O equilíbrio e a motivação emergem quer do contacto directo com o público, que os mima com um sorriso, com uma palavra de agradecimento, com o seu regresso, quer do privilégio único de poder lidar com os objectos do passado, ricos em conhecimento, histórias, valores e emoções.

Movidos pelo desejo de partilhar as experiências bem sucedidas com os seus pares mas, sobretudo, discutindo as falhas, constrangimentos na expectativa de encontrar sugestões e soluções, a maioria defende a existência de espaços que proporcionem esses momentos. São bastante inovadores quando mencionam a possibilidade de realizar estadias ou intercâmbios laborais, nos quais possam assumir posturas de observadores-activos. Estas sugestões deixam emergir um sentido de identidade de grupo que, apesar de não existir formalmente, através de uma associação ou outro grupo, reflectem o desejo de aproximação e de estabelecer relações de trabalho e de reflexão.

A presente investigação, ao revelar motivações, as necessidades, os receios e os desejos dos entrevistados, aspira alcançar um efeito extremamente operacional e útil, no sentido de contribuir para a formação de um grupo de educação em museus, à semelhança do caso inglês, aproximando todos os que trabalham naquela área.

Perspectivas teóricas e epistemológicas

Procurando explorar as percepções dos profissionais sobre a educação e como estas se articulam com as suas práticas, constata-se que muitos profissionais têm dificuldades em verbalizar o pensamento abstracto que norteia as suas acções. Curioso é, porém, verificar que, apesar de não recorrerem aos termos teoricamente correctos, os seus discursos, por vezes caóticos, acabam por reflectir os mais recentes estudos desenvolvidos na área da educação em museus.

A maioria dos profissionais, renegando qualquer aproximação à perspectiva positivista, defende que o conhecimento é algo que é individual e cumulativo, que cada pessoa constrói na sua interacção com o meio. Valoriza as aprendizagens passadas, o contexto e as referências do sujeito, procurando relacionar as suas experiências com as práticas desenvolvidas no museu, acreditando que os significados produzidos terão mais sentido e, conseqüentemente, levarão a uma maior aprendizagem. Para fazer estas pontes ou ligações e ir ao encontro dos objectivos e interesses individuais, acredita que é necessário conhecer os públicos, suas características físicas, intelectuais, sociais e pessoais para, assim, adoptarem as melhores estratégias e metodologias que não se

resumem às operações cognitivas, mas que recorrem a todas as “inteligências” que o ser humano possui.

Missão e objectivos são ainda tópicos pouco definidos e dominados verbalmente nos discursos dos inquiridos, à semelhança do que se verifica na secção anterior.

Perante a referida questão basilar, todos os entrevistados sublinham a importância do museu ao nível da comunicação, reconhecendo o valor da conservação, da inventariação e da investigação. Ao mesmo nível, colocam a função educativa, como último fim de toda a actividade museológica, em prol do indivíduo e do desenvolvimento da sociedade.

Assumem duas grandes responsabilidades indissociáveis: as colecções, a essência dos museus; e, os públicos, que conferem verdadeiro significado e valor a toda a “herança”, depositada ao longo do tempo. Enamorados por estes dois mundos, o profissional assume assim o papel de mediador cultural, não devendo subjugar um ao outro, criando estratégias que facilitem e promovam a sua aproximação. É a acção de servir de intermediário entre os dois eixos, equilibrando-os, aguçando a discussão, a interacção, provocando a curiosidade, a descoberta, o encantamento, encontrando relações entre o que acontece na experiência museal e o quotidiano do visitante, levando em conta o seu lugar social e cultural.

As narrativas, que se centram sobretudo em exemplos da prática diária, deixam transparecer conceitos de educação como o Construtivismo de George Hein (HEIN, 1998), a Experiência Global e Interactiva de Falk e Dierking (DIERKING e FALK, 1992), o Museu Inclusivo de Richard Sandell e Jocelyn Dodd (DODD e SANDELL, 2001), a teoria de aprendizagem das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner (GARDNER, 1990) e a Aprendizagem ao longo da vida (Lifelong Learning).

Repare-se, pela figura 5, as palavras e conceitos aos quais os profissionais recorrem para exprimirem as perspectivas que têm acerca dos museus e da educação. São espaços ricos e fecundos em acções, valores, emoções, afectos, comportamentos, pensamentos, ao nível da formação do indivíduo e do colectivo.

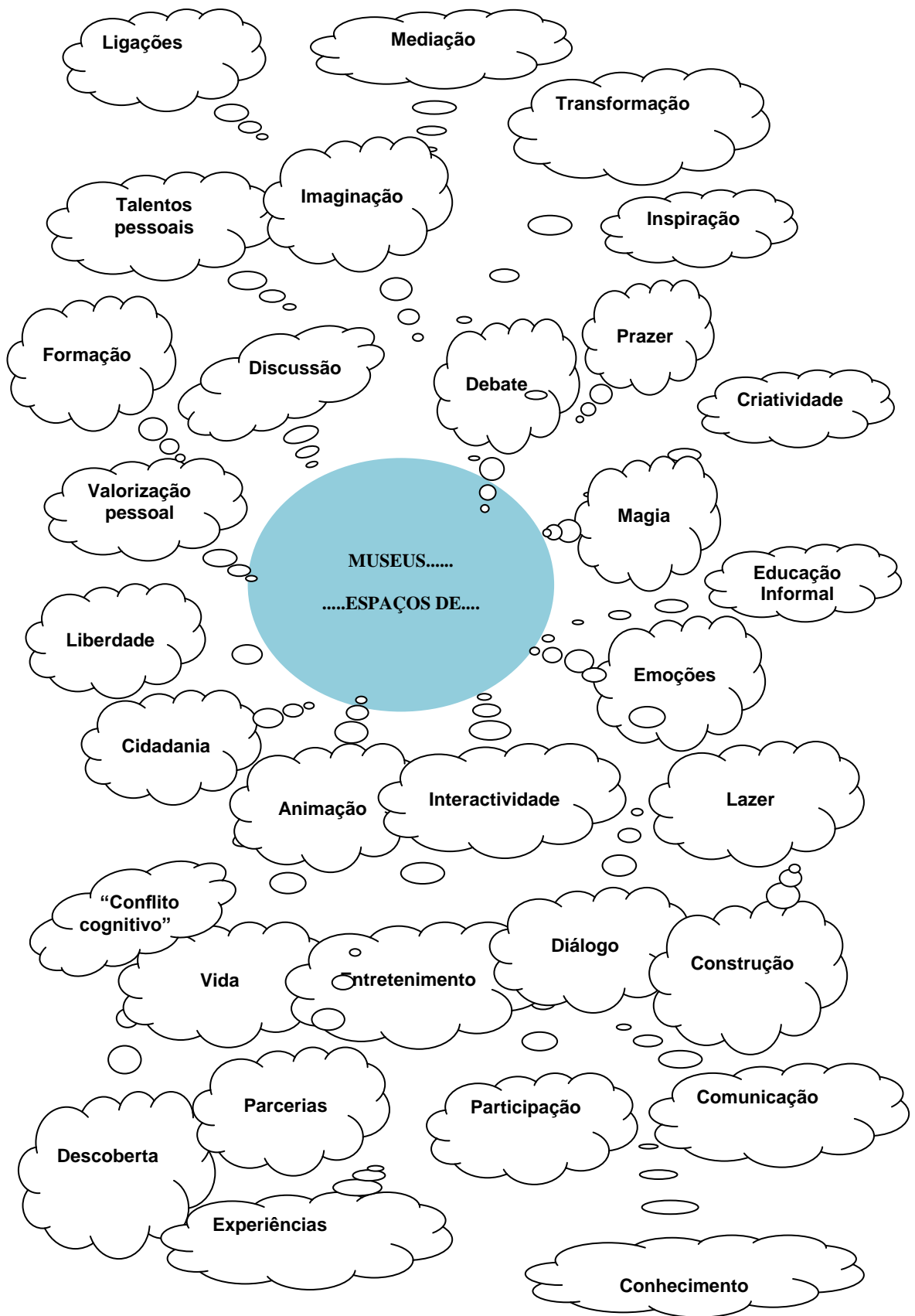


Fig. 5 – Palavras que os profissionais de educação associam aos museus e educação em museus.

Os museus são espaços de aprendizagem e de encontro, que ajudam a potencializar, perante os objectos, as faculdades de cada um, estimulando a reflexão, a observação, a imaginação, inculcando sentido estético e criando pontos de equilíbrio e associações com a realidade exterior.

Exploradas as considerações teóricas que os entrevistados desta investigação apresentam sobre a educação em museus, suas missões e objectivos, interessa também conhecer o papel que, segundo os mesmos, o profissional de educação deve assumir nesse contexto.

Procura-se descobrir as ideias que os narradores têm de um profissional de educação em museus para poder ser possível traçar um perfil, como se observará mais tarde, com conhecimentos, aptidões, competências e qualidades humanas, ressaltando os pontos positivos sem, contudo, esquecer de fazer referência aos perigos a que está sujeito o mesmo.

Exceptuando algumas narrativas que ainda estão um pouco presas à ideia clássica da educação formal, da sua associação à instituição escolar e ao professor, a generalidade dos entrevistados dão continuidade aos seus discursos conceptuais que, se nestes demonstram alguma dificuldade em verbalizar, em relação a este tópico desenvolvem com mais facilidade, reflectindo as correntes e estudos actuais.

Optou-se por uma listagem organizada em três grandes dimensões do conhecimento – do saber, do fazer e do ser, por outras palavras, as capacidades intelectuais, as competências práticas e, por fim, as qualidades humanas.

Assim, sucintamente, ao profissional de educação em museus *cabera*:

O domínio da dimensão do *saber*:

- Definir conceitos, processos e metodologias de comunicação;
- Conhecer bem as colecções e a missão do museu;
- Estudar e investigar permanentemente as temáticas relacionadas com o espólio;
- Trabalhar as identidades das comunidades;
- Conhecer os públicos;
- Saber que o ser humano aprende de diferentes formas.

O domínio da dimensão do *fazer*:

- Assumir a função de mediador entre o conteúdo do museu e as pessoas;

- Fazer com que os outros usufruam da beleza das colecções;
- Proporcionar códigos de leitura e ferramentas para estimular o olhar e o sentir;
- Oferecer informação actualizada e interessante;
- Saber orientar a informação;
- Explorar diferentes perspectivas de um só objecto;
- Utilizar diferentes estratégias de mediação recorrendo às várias áreas do conhecimento quer artísticas como o teatro, música, expressão plástica, fotografia, literatura, como científica, como por exemplo a ciência experimental;
- Ajudar cada um a tirar o máximo partido das suas competências, talentos, tocando a individualidade de cada um;
- Promover a participação crítica e a interactividade;
- Oferecer oportunidades de aprendizagem;
- Deixar o visitante construir os seus significados;
- Acompanhar no processo de construção de significados do visitante;
- Saber fazer respeitar as normas e regras;
- Lançar *chamarizes* para ser o visitante a construir a sua aprendizagem;
- Ensinar, partilhar com o museu.
- Fazer associações com a realidade exterior ao museu;
- Desarmar ideias pré-concebidas;
- Estimular a reflexão, a observação, a imaginação, a sensibilidade, a curiosidade, a descoberta, o gosto;
- Captar parcerias e congregar esforços para que o trabalho seja mais completo e profundo (a profissão do educador do museu é fazer tudo);
- Observar e ouvir atentamente o feedback dos visitantes.

O número de referências relativas à dimensão do fazer e do ser é, sem dúvida alguma, maior e diversificado comparativamente ao saber, reflexo da preferência dada pelos profissionais à forma como se liga a teoria à prática, ou se aproxima o visitante dos objectos e da valorização do contexto intra e interpessoal das experiências ocorridas.

Fazendo uma análise das narrativas, sob um prisma processual, é possível observar que, juntando os contributos de todas as narrações, algumas mais completas que outras no que diz respeito a esta temática, a percepção conceptual dos entrevistados quanto à função do educador em museus, na generalidade acompanha as considerações teóricas que têm em relação à comunicação, educação e aprendizagem analisadas anteriormente:

O domínio da dimensão do *ser*:

- Estar próximo da pessoa para conhecer as suas motivações, objectivos, conhecimentos e experiências passadas;
- Ter o engenho de criar laços com a informação;
- Valorizar o indivíduo;
- Promover momentos de sucesso;
- Apoiar a formação completa do sujeito;
- Contribuir para a integração social, em prol do desenvolvimento da sociedade;
- Abrir horizontes para o mundo, confrontando-se com a diferença e a semelhança;
- *Seduzir* os visitantes;
- Fazer os visitantes sentirem-se bem acolhidos, terem prazer nas actividades que desenvolvem enriquecendo-os através de conhecimento e emoções;
- Dar inspiração a ajudar a criar pessoas de pensamento livre;
- Incentivar hábitos culturais;
- Criar empatia
- Responsabilizar o indivíduo pela sua herança;
- Desejar, através do museu, que as pessoas se tornem mais conhecedoras de si mesmas e dos outros;
- Ajudar as pessoas a tornarem-se mais ricas;
- Criar o prazer pelo museu;
- Ser o arauto da colecção;
- Ser apaixonada pelos objectos e pelas pessoas;
- Estimular o sentido crítico, de questionamento.

Uma certeza sobressai em todos os entrevistados que é a consciência que o profissional de educação em museus se situa entre dois eixos fundamentais: as colecções e o público. Por vezes, verifica-se que uns aproximam-se mais de um vector do que de outro mas, assumem a indissociabilidade dos dois, esvaziando-se de qualquer sentido a missão educativa quando se valoriza apenas um dos lados.

Seguindo a mesma linha de pensamento, o profissional assume assim o papel de mediador cultural, enquanto elemento agregador dos dois mundos, de duas co-culturas equitativas (WILLIGEN, 1993: 127), que se complementam, sem subjugar uma à outra, criando estratégias que facilitem e promovam a aproximação dos públicos às colecções.

É a acção de servir de intermediário entre duas dimensões, independentes, aguçando a discussão, a interacção, provocando a curiosidade, a descoberta, o encantamento, encontrando relações entre o que acontece na experiência museal e o quotidiano do visitante, levando em conta o seu lugar social e cultural.

Observe-se, ainda, o esquema seguinte:

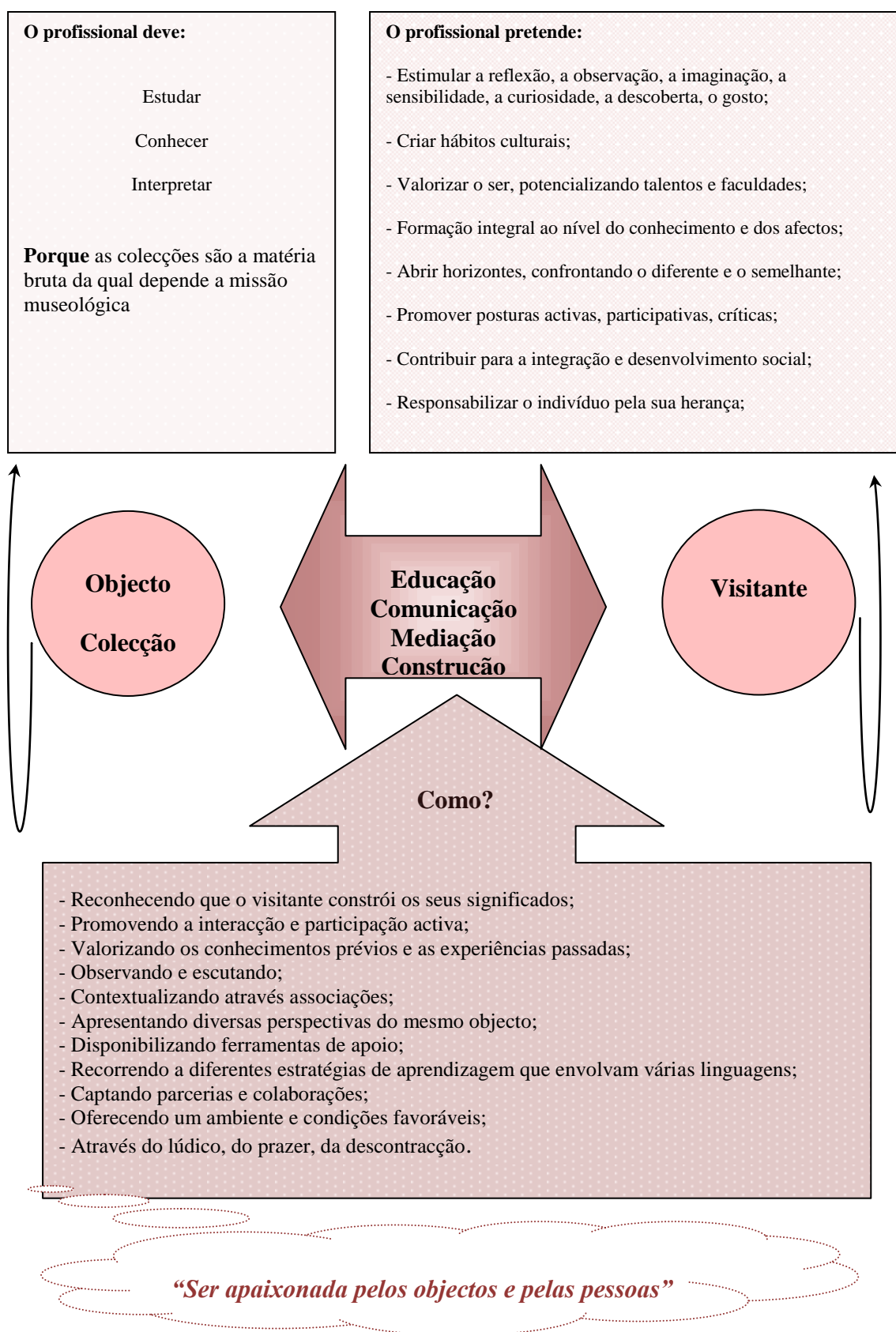


Fig. 6 – Perspectivas dos entrevistados sobre o profissional de educação

O mediador é um terceiro elemento num processo de construção de uma qualquer realidade fortemente comunicacional no qual desempenha o papel simultaneamente de tradutor, facilitador, negociador, anfitrião, embaixador, parceiro, moderador, decodificador, orientador, catalisador e intermediário entre dois ou mais interlocutores, tendo como cenário diferentes contextos de sociabilidade, sendo por isso a sua identidade redefinida constantemente.

Para cumprimento desta missão, exige-se do mediador equilíbrio, sensibilidade, abertura para captar a essência dos acervos, “não virando costas à herança” que os faz diferenciar de todos os outros espaços museológicos, e colocá-los ao alcance e usufruto das pessoas, gerindo as reacções que daí advenham.

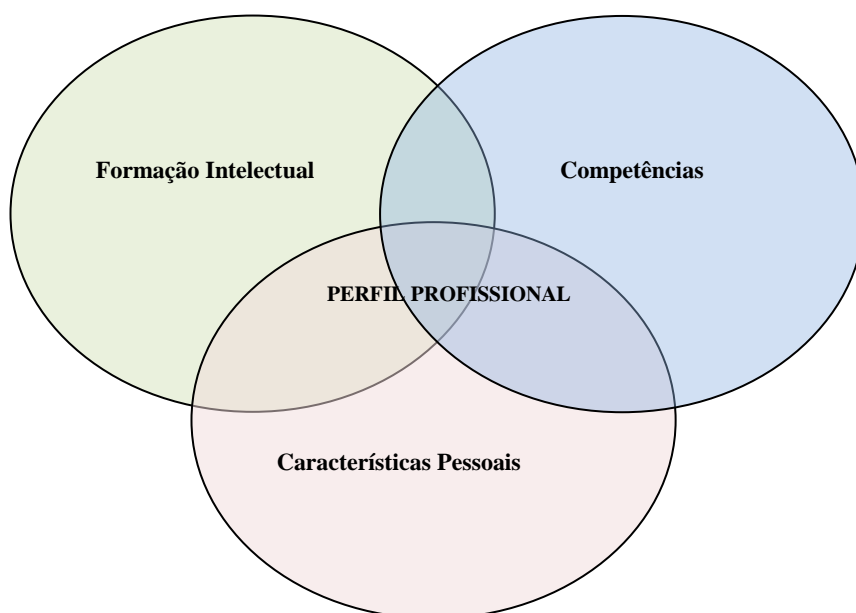


Fig. 7 – Dimensão tridimensional dos requisitos para o profissional de educação em museus, segundo os entrevistados

No que diz respeito à formação intelectual do profissional de educação em museus, à excepção apenas de um só elemento, todos os restantes definem a licenciatura como requisito mínimo podendo ser, para algumas opiniões, extensível à pós-graduação, mestrado e doutoramento.

A formação superior é fundamental para quem coordena um serviço de educação uma vez que é necessário reflectir sobre a política e objectivos do museu a este nível. Não significa que todos os que trabalham nesta área devam ter este nível de formação; por exemplo, aos monitores que colaboram em alguns museus não lhes é exigida a licenciatura, pois as necessidades prendem-se sobretudo com o saber fazer. É neste raciocínio que a resposta de certa inquirida se enquadra quando não estipula nenhum requisito académico porque pensa que, para esboçar e realizar uma visita ou uma oficina, não é preciso ter uma licenciatura, mas sim competências técnicas.

São, sobretudo, os profissionais responsáveis por levar a cabo a missão educativa, pela organização e coordenação da programação, e pela orientação das actividades, que devem ser formados ao nível da licenciatura.

Os dados não causam estranheza uma vez que, actualmente, a população portuguesa caminha para uma crescente escolarização e formação ao nível académico e, prova disso é o desemprego que se verifica no seio dos licenciados. É comum um candidato a um emprego apresentar este nível de formação e, como tal, os profissionais em estudo não são excepção quando, na maioria, consideram importante a licenciatura como base para trabalhar na área educativa.

Os profissionais apresentam respostas diversas quanto à área temática das formações académicas. Se uns consideram que é importante antes de tudo a natureza do museu e das suas colecções, todos optam por defender o carácter multidisciplinar das equipas educativas, quando estas existem. A diversidade de formações é um factor determinante no enriquecimento de cada profissional que, ao partilhar as experiências, vai apreendendo novos conhecimentos e competências, demonstrando uma enorme plasticidade que, posteriormente, pode aplicá-los na prática.

Os cursos superiores, como História (vertente Arte e vertente Educacional), Sociologia, Ciências da Educação – os mais votados – e, ainda a Animação Sociocultural, Gestão de Património, Comunicação Cultural e Literatura, com menos referências. No fundo, todos se integram no mundo das ciências sociais e culturais.

Curiosamente, verifica-se uma certa tendência dos profissionais definirem os seus cursos académicos como as formações de referência para o perfil do profissional de educação em museus. Por outro lado, dado que a maioria dos museus expõe colecções artísticas e que a função aqui retratada é a da educação, é natural que o campo da História da Arte e a vertente educacional sejam as mais mencionadas. Mas esta hegemonia é criticada por algumas vozes que acusam estas áreas, por um lado, de ser

escolarizada e, por outro, demasiado erudita, com perspectivas afuniladas que provocam o distanciamento do público.

A possibilidade de existir uma formação exclusiva em serviço educativo não é vital, nem necessária para os inquiridos, constatando que a realidade profissional portuguesa em museus ainda não se encontra num patamar de tamanha especialização como acontece noutros países ocidentais.

Enquanto que as habilitações académicas se tornam necessárias sobretudo para valorizar em termos de estatuto a actividade, as competências constituem um campo fulcral e denso no perfil do profissional de educação em museus. Reunidas ao longo da vida através de experiências de trabalho ou das formações técnicas e aprendizagens práticas, estas aptidões consubstanciam-se no saber-fazer. Independentemente da formação base que se tenha, estas aptidões adquirem-se por gostos pessoais, como os passatempos e as actividades extra-curriculares, ou por necessidades laborais; de qualquer forma, todas contribuem para uma imensa riqueza individual.

São conclusões muito interessantes quando comparadas com a investigação de Alice Semedo que analisa, entre muitas, a questão dos requisitos necessários para o acesso à carreira de educação em museus. Baseado também em testemunhos profissionais, apresenta dois modelos de acesso que defendem diferentes valores e que, por isso, provocam uma crise de identidade: um valoriza a qualificação a partir da formação formal, enquanto que o outro sublinha a competência adquirida através da experiência. Segundo a autora, tal observação reflecte a clássica oposição entre a teoria e a prática (SEMEDO, 2002: 253).

Os traços da personalidade e os valores morais são para todos os entrevistados fundamentais e incontornáveis. Não se verificou a ausência de referências a este domínio em nenhuma das narrações, revelando que, efectivamente, este retrato mais íntimo das pessoas é que define a individualidade de cada um e constitui aquele peso que faz desequilibrar a balança. São vários os traços de personalidade e gostos, pelo que se optou por desenhar uma lista global indicadora dos preferenciais dos narradores.

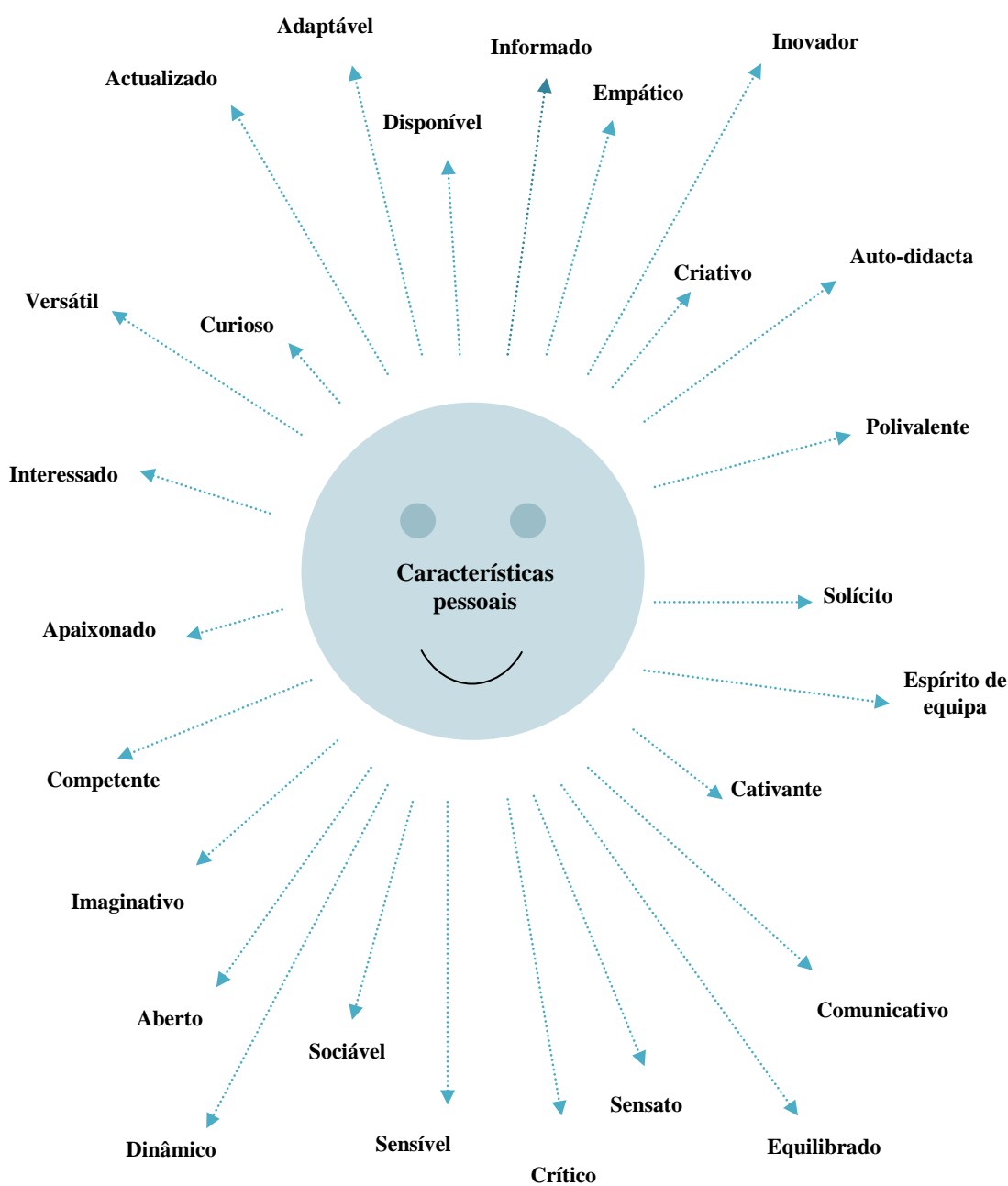


Fig. 8 – Perfil do profissional de educação: características pessoais, segundo os entrevistados

Com o objectivo de sintetizar os conteúdos aqui apresentados neste capítulo, desde os conceitos sobre a educação em museus e a forma como os profissionais se devem enquadrar a teoria na prática diária, procurou-se, numa tabela única, definir um perfil único do profissional de educação em museus, baseado nas três dimensões: formação intelectual, competências e características pessoais.

PERFIL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO EM MUSEUS	
Formação Intelectual	Nível Superior
<p style="text-align: center;"><u>Saber-saber</u></p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Nível Coleções Nível Visitantes</p>	<p>Licenciatura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - História: vertente Arte e vertente Educacional - Sociologia - Ciências da Educação - Animação Sociocultural - Gestão de Património - Comunicação Cultural - Comunicação <p>Pós-licenciatura: Pós-graduação, Mestrado, Doutoramento.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Museologia - Arte - Educação - Comunicação
<p>Competências</p> <p style="text-align: center;"><u>Saber-fazer</u></p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Nível Coleções Nível Visitantes Nível Pessoal</p>	<p>Adquiridas ao longo da vida</p> <p>Motivações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - gostos pessoais (hobbies e as actividades extra-curriculares) - por necessidades laborais <p>Através:</p> <ul style="list-style-type: none"> - experiências de trabalho - formações técnicas - aprendizagens práticas <p>Todas as áreas temáticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - línguas estrangeiras, incluindo a gestual - técnicas artísticas e materiais adjacentes - práticas performativas (teatro, música, dança) - Informática - Outras
<p>Características pessoais</p> <p style="text-align: center;"><u>Saber-ser</u></p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Nível pessoal</p>	<p>Adaptável, disponível, empático, crítico, curioso, interessado, solícito, auto-didacta, actualizado, informado, dinâmico, polivalente, versátil, criativa, imaginativo, comunicativo, sociável, com espírito de equipa, sensível, apaixonado, sensato, equilibrado, inovador, competente, aberto, cativante.</p>

Tabela 9 – Perfil do profissional de educação em museus

Concluindo, a maioria dos inquiridos partilha a ideia de que as qualificações intelectuais, alcançáveis sobretudo pela educação formal ao nível da licenciatura, não são suficientes; valorizam igualmente, as competências que cada um vai reunindo ao

longo da vida através de experiências ou formações práticas e sublinham, sobretudo, as características pessoais. É a conjugação destes três elementos que dá origem a uma fórmula explosiva que determina o perfil do profissional.

Da realidade retratada, uma verdade emerge: a paixão e o gosto em lidar com as pessoas e os objectos, constituem as principais motivações dos narradores que os fazem esquecer dificuldades e frustrações e continuar a investir nesta área museológica.

Entregues “de corpo e alma” a esta actividade, muitos são incapazes de perspectivar o seu futuro noutros espaços e funções que não sejam os museus e a educação que, apesar de estarem actualmente envolvidos numa conjuntura difícil, mostram-se optimistas, acreditando que estas instituições culturais assumirão uma importância crucial na sociedade vindoura.

Bibliografia

- ALBARELLO, Luc, DIGNEFFE, Françoise, HIERNAUX, Jean-Pierre, MAROY, Christian, RUQUOY, Danielle, SAINT-GEORGES, Pierre (1997) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. 1ª edição, Lisboa: Gradiva.
- BARROS, Ana Bárbara (2008) *De Corpo e Alma: Narrativas dos Profissionais de Educação em Museus da Cidade do Porto*. Porto: FLUP. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BARROS, Ana Bárbara (2003) *Uma conversa com Madalena Cabral in Relatório de Museologia*. Porto: FLUP. Trabalho de síntese apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto como prova de capacidade científica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BOURDIEU, Pierre (1985) *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- CAMACHO, Clara Frayão (2007) *Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: panorâmica e perspectivas*. In *Serviços Educativos na Cultura*. 1ª edição, Coleção Públicos nº2, Porto: Sete Pés.
- Decreto-Lei nº 55/2001*. D.R. I Série.
- DODD, Jocelyn e SANDELL, R.(2001), *Including Museums, perspectives on museums, galleries and social inclusion..* Leicester: Research Centre for Museums and Galleries University of Leicester.
- ERICKSON, Frederick (1986) *Qualitative methods in research on teaching*. In *Handbook of research on teaching*. Nova Iorque: MacMillan.
- FALK, John H., DIERKING, Lynn D. (1992) *The Museum Experience*. Washington D.C.: Whalesback Books.
- FALK, John H., DIERKING, Lynn D. (2000) *Visitor Experiences and the Making of Meaning*. Oxford: Altamira Press.
- GARDNER, Howard (1990) *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*. New York: Basic Books.
- HEIN, George E.(1998) *Learning in the Museum*. London: Routledge.
- HEIN, Hilde S. (2000) *The Museum in Transition. A Philosophical Perspective*. Washington and London: Smithsonian Institution Press.
- M.C./IPM (2000) *Inquérito aos Museus em Portugal*.Lisboa: M.C/ I.P.M..
- LESSARD-HÉBERT, Michelle, GOYETTE, Gabriel, BOUTIN, Gérald (1990) *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, Epistemologia e Sociedade.
- Museum professional training career structure: report by a working party 1987*. London: Her Majesty Stationery Office.
- POIRIER, Jean, CLAPIER-VALLADON, Simone, RAYBAUT, Paul (1995) *Histórias de Vida. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- SEMEDO, Alice (2002) *The Professional Museumscape: Portuguese Poetics and Politics*. Leicester: University of Leicester. Dissertação de Doutoramento.
- WILLIGEN, John Van (1993) *Applied Anthropology: an Introduction*. South Hadley: Bergin and Garvey Publishers.